

Álbum traz a jazz  
globalizado de  
Yussef Dayes

PÁGINA 2



Duo Maia resgata  
clássicos do  
violão espanhol

PÁGINA 3



Eucanaã Ferraz  
e sua poesia em  
tons românticos

PÁGINAS 4 E 5



## 2º CADERNO

# Ela é a filha do 'cara'

Bebel Gilberto  
lança disco em  
homenagem  
ao pai João  
Gilberto



*Bebel  
Gilberto  
evitou  
encarar  
alguns dos  
clássicos  
gravados  
pelo pai da  
Bossa Nova*

Divulgação

Flanando com sua voz quase sem respirar em torno de um ritmo fixo, um samba primordial que ele mesmo tocava. Encadeando acordes no violão em uma região que se misturava com a tessitura de seu cantar, ele mixava virtuosisticamente as vogais entoadas com a ressonância do registro médio-grave de seu instrumento.

Pleno de desvios e insinuações, João Gilberto inventou um som compacto, que foi aprimorando através dos tempos. Não é, portanto, um autor fácil de se homenagear, e talvez a missão seja ainda mais complexa para alguém que teve relação direta e pessoal com ele.

Bebel segue cantando bem, mas a textura coesa imposta pela homenagem a enquadra, e tudo se complica ainda mais quando a voz, querendo ser si mesma, rompe o amálgama no agudo. O resultado é melhor em "Eu Vim da Bahia", de Gilberto Gil, do que em "É Preciso Saber Perdoar", de Carlos Coquejo e Alcyvando Luz.

João apostava na contenção como expressão, e o efeito hipnótico que resulta das variações de detalhes mínimos em repetições infinitas - as quais praticava obstinadamente - dificilmente pode ser imitada com o mesmo efeito.

Mas mesmo oprimida por tais limites, a cantora cria momentos que ficam na nossa memória. O resgate da bela "Caminhos Cruzados", de Tom Jobim e Newton Mendonça, presente no álbum "Amoroso", que João Gilberto lançou em 1977, é certamente um deles, assim como o improvisado vocal da faixa final, uma interpretação espontânea do clássico "Você e Eu", de Carlos Lyra e Vinicius de Moraes.

Ou ainda em "Eclipse", de Margarida Lecuona, bolero cubano dos anos 1940 que João Gilberto cantava sem esgotar os sentidos, sem roubar para si a história futura da canção; a cantora, então, aproveitava para criar uma versão só sua. É quando o álbum "João" se esquece um pouco de João para poder ser, de fato, "Bebel".

Por Siney Molina (Folhapress)

**A**deus, América", canção de 1948 de Geraldo Jacques e Haroldo Barbosa, que abre "João", álbum em que a cantora Bebel Gilberto homenageia seu pai João Gilberto, morto há quatro anos, é conduzida por um violão bem evidente, tocado no padrão obstinado do celebrado.

A sensação é estranha. Em vez de libertar a voz, a batida repetitiva, como um fantasma, parece limitar o canto de Bebel. A carga de Guilherme Monteiro, que também assina os arranjos do trabalho, a levada do violão acaba por ser a marca de uma ausência, ainda mais por se tratar de repertório tão identificado ao

pai da bossa nova. A ausência é, claro, do próprio João.

Não é fácil homenagear um intérprete sem imitá-lo. João Gilberto não foi, fundamentalmente, compositor, e suas poucas autorias são exceções que confirmam a regra. Em geral suas composições são exercícios, vocalises onomatopaicos, brincadeiras com fonemas que usava para conectar obras alheias, essas sim escolhas certas para imprimir sua marca.

Dois temas assinados por João, ambos extraídos de seu álbum de 1973, estão em "João", "Undiú" e "Valsa (Como São Lindos os Yogui)", cujas gravações por Bebel obviamente explicam-se, sobretudo a última, por razões sentimentais.

Um pouco menos interessantes são as regravações de canções muitíssimo vin-

culadas ao estilo voz-violão do pai, como "Ela É Carioca", de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, e "O Pato", de Jayme Silva e Neusa Teixeira. Nesse sentido, foi prudente Bebel não enfrentar clássicos manjados da bossa nova como "Chega de Saudade" e "Garota de Ipanema". Mas, por outro lado, "Desafinado" está em "João".

A pergunta sobre a essência da arte de um intérprete como João Gilberto impõe-se, inclusive para determinar os caminhos possíveis a uma homenagem. No caso de um cantor-violonista como o baiano, a escolha do repertório é apenas o ponto de partida, o pretexto para a performance.

Ele não impôs um novo paradigma à arte brasileira por ter cantado aquilo que cantou, mas por ter cantado e tocado do jeito que o fez.

Danika Magdalena/Divulgação

## CORREIO CULTURAL

Apple TV+/Divulgação



Linda, Cindy, Naomi e Christy: presença em série

## Vogue exagera no Photoshop e acaba criticada nas redes

A edição de setembro da revista Vogue britânica gerou polêmica. A última sob comando do diretor Edward Enninful, a publicação recebeu críticas nas redes sociais por retocar, com excesso de photoshop, ícones da moda que passaram dos 50 anos. A capa da revista reuniu as modelos consagradas Linda Evangelista, de 58 anos,

Cindy Crawford, 57, Naomi Campbell, 53, e Christy Turlington, 54. Elas participam do documentário "The Super Models", da Apple TV+. "Tóxica", "desanimadora", "lamentável" e "grotesca" foram algumas definições usadas por internautas nas redes sociais para descrever o uso do Photoshop na publicação.

## Peixe fora d'água

Longe das transmissões esportivas, Galvão Bueno revelou estar se sentindo "um pouco estranho". "Confesso que estou me sentindo um peixe fora d'água", disse depois de ter assistido a última partida da seleção brasileira de futebol.

## Ambição

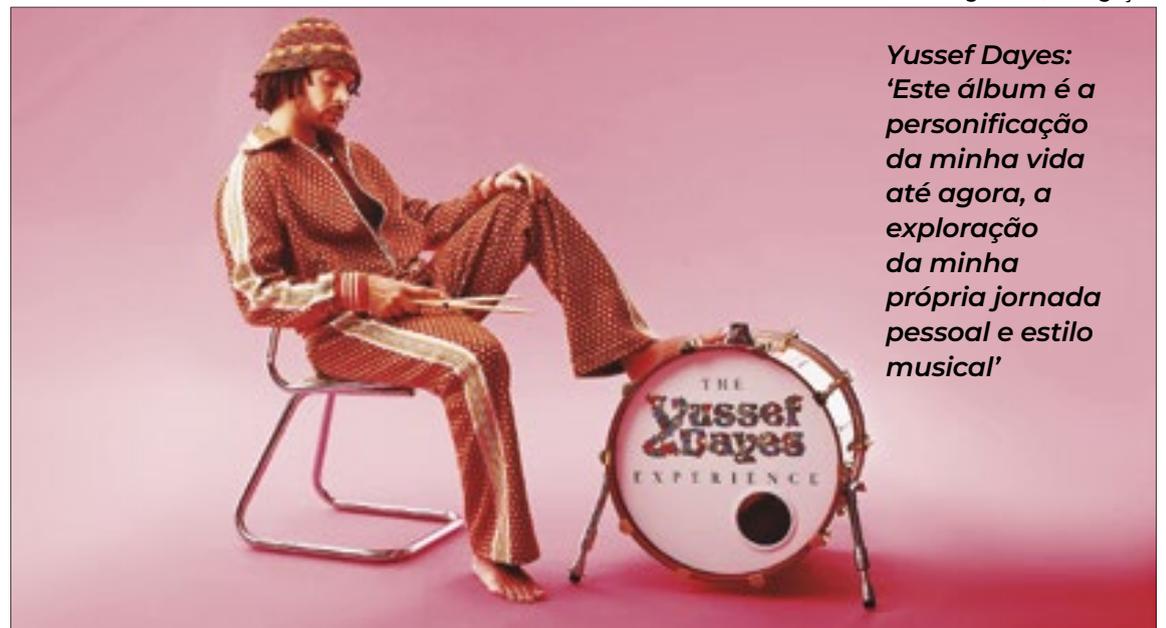
Prestes a estrear mais uma temporada de "A Fazenda" (Record), Adriane Galisteu disse ter sonhos maiores na emissora e manifestou o desejo ter um programa aos domingos e entrar na briga pela liderança com Luciano Huck (Globo) e Eliana (SBT).

## Teatro Cego

O Teatro Sylvio Monteiro, em Nova Iguaçu, recebe, a partir desta segunda-feira (12), três apresentações gratuitas da peça "Clarear, Somos Todos Diferentes", do grupo Teatro Cego. O espetáculo acontece completamente no escuro.

## Diagnóstico

Leticia Sabatella revelou no podcast Papagaio Falante que foi diagnosticada recentemente com o Transtorno do Espectro Autista (TEA). "Ainda é um pouco antecipação, mas descobri que estou dentro do TEA num grau leve", afirmou.



**Yussef Dayes:**  
'Este álbum é a personificação da minha vida até agora, a exploração da minha própria jornada pessoal e estilo musical'

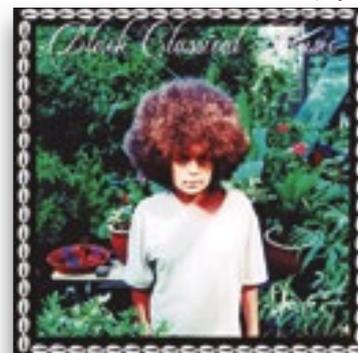
Estreia  
impecável  
de uma jovem  
estrela do jazz

'Black Classical Music' é o primeiro álbum do multi-instrumentista britânico Yussef Dayes

O multi-instrumentista britânico Yussef Dayes, um dos expoentes do novo cenário jazz internacional, acaba de lançar o aguardado "Black Classical Music", o primeiro álbum solo de uma carreira acompanhada com interesse pela crítica.

Antecipado pelos singles "Black Classical Music", "Rust" (com Tom Misch, colaborador frequente de Dayes), "Tioga Pass", "Marching Band" (com Masego, que se apresentou no The Town), "The Light" (com participação de Bahia Dayes, filha do artista) e o mais recente, "Pon Di Plaza" (com o cantor jamaicano indicado ao Grammy Chronixx), o projeto conta com 19 faixas, definidas por ele como uma jornada de cura e espiritualidade, além de uma homenagem à tradição da música negra, desde Miles Davis a Nina Simone.

Divulgação



"Este álbum é a personificação da minha vida até agora. Compartilhando vibrações e sons do Reino Unido, enraizados no gumbo-pot do Caribe, na cultura sul-americana e nos rituais africanos. 'Black Classical Music' é uma exploração da minha própria jornada pessoal e estilo musical", descreve o músico.

A bateria poderosa de Dayes e o baixo de Rocco Palladino são a base do álbum, que também conta com Charlie Stacey (teclas/sinte-

tizadores), Venna (saxofone), Alexander Bourton (percussão) e diversas participações especiais, incluindo Jamilah Barry, Elijah Fox, Shabaka Hutchings, Miles James, Sheila Maurice Grey, Nathaniel Cross, Theon Cross e a Chineke! Orchestra - primeira orquestra profissional da Europa composta majoritariamente por músicos negros.

"O que é jazz? De onde surgiu a palavra? Nascido em Nova Orleans, enraizado na cultura sul-americana e nos rituais africanos. Continuando uma linhagem de Miles Davis, Rahsaan Roland Kirk, Nina Simone, John Coltrane, Louis Armstrong - música que está sempre evoluindo e sem limites em seu potencial. O sentimento, as composições, a espontaneidade, o amor pela família, a disciplina e a dedicação em manter o alto nível estabelecido pelo panteão dos músicos clássicos negros. Um som majestoso para esse corpo musical", reflete Dayes.

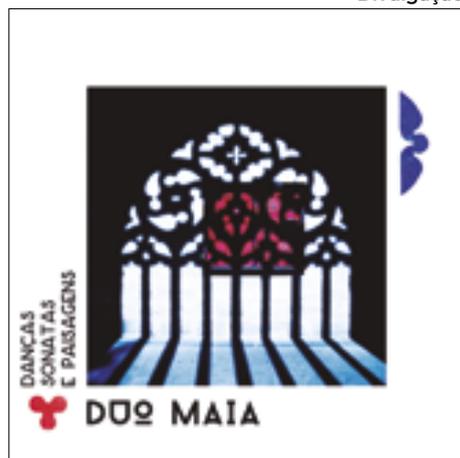
Com sua música afrocentrada, o artista é visto como inovador no universo musical, o que já rendeu um convite para fazer a trilha de um show especial da Louis Vuitton durante a Paris Fashion Week 2019. Yussef Dayes chama cada vez mais a atenção do público e da crítica com seu trabalho, que atrai uma lista crescente de colaboradores entre os maiores talentos da atualidade, desde o álbum "What Kinda Music" (2020), que estreou no Top 5 das paradas britânicas, e o surpreendente EP "Live at Joshua Tree" (2022).

# Virtuosismo irmanado

‘Danças, Sonatas e Paisagens’, novo álbum do Duo Maia, traz transcrições inéditas e obras consagradas do repertório espanhol para violão

O Duo Maia, formado pelos irmãos Thadeu e Raphael Maia, evolui sua versatilidade e virtuosismo no segundo álbum, “Danças, Sonatas e Paisagens”. O lançamento dá continuidade ao sucesso de seu trabalho anterior, “Recortes”, que os levou por palcos de renome e estabeleceu sua identidade única no circuito da música instrumental brasileira.

O segundo álbum apresenta um repertório múltiplo. Suas músicas vão desde as “Danças Romenas” de Béla Bartók até sonatas de Domenico Scarlatti, além de obras de compositores espanhóis como Fernando Sor, Isaac Albéniz, Enrique Granados e Manuel de Falla. Este novo trabalho homenageia o mestre e luthier Sérgio Abreu, que foi uma influência significativa para os dois jovens instrumentistas cariocas.



O lançamento do álbum ocorreu em três etapas, com os EPs temáticos “Danças”, “Sonatas” e “Paisagens” sendo revelados ao longo dos meses de julho e agosto, culminando no lançamento completo.



Raphael e Thadeu acabam de lançar ‘Danças, Sonatas e Paisagens’

O título do novo disco, “Danças, Sonatas e Paisagens”, reflete a intenção do Duo Maia de evocar sentimentos e lembranças por meio da música. A escolha do repertório demonstra a dedicação dos irmãos a buscar novos caminhos em um dos mais difundidos instrumentos musicais: o violão. A produção do álbum ocorreu no estúdio Lontra Music, com a co-produção de Maria Haro, engenharia de som de João Ferraz e arte gráfica de Pa-

trícia Abreu.

Com “Danças, Sonatas e Paisagens”, o Duo Maia, criado em 2007, reforça seu lugar na cena nacional de violão, honrando o legado de mestres próximos, como Sérgio Abreu, e de referências atemporais e de outras culturas. Sua técnica refinada e interpretação sensível continuam a guiar um trabalho dedicado a encurtar as distâncias entre a música instrumental e o grande público.

## Alfamor repagina álbum em formato dub

Thais Silvestre/Divulgação



Alfamor: nova versão para ‘Onça’

Após três anos do lançamento de seu primeiro álbum, a multiartista Alfamor retorna com uma renovada roupagem para o elogiado “Onça”. A união criativa com o produtor musical Vini Albernaz deu origem a um trabalho que incorpora sons ancestrais e futuristas em uma viagem sonora repleta de camadas.

O álbum original, lançado em 2020, foi um marco na trajetória de Alfamor. Tanto que, na lista de faixas, aparecem nomes tarimbados, como Mateus Aleluia, Mãcana, Bruno Capinan e até a dupla argentina Perotá Chingó. Primo próximo do dub, o reggae já aparecia entre as influências, unindo também tons de pop, música latina e rock.

“Onça” se tornou o desdobramento musical de uma criadora plural e versátil. Paola Alfamor é uma artista multi-disciplinar com uma

carreira de mais de 10 anos, envolvendo diversas expressões, como arte visual, fotografia, videomaker e tatuagem ponto a ponto.

Sua música é influenciada por suas experiências em outras formas de arte e aborda temas íntimos à mulher contemporânea. Além de sua carreira solo, Paola participou de projetos como a banda Kayab em Porto Alegre e o grupo Xanaxou no Rio, onde atuou como cantora, compositora e percussionista.

A necessidade de apresentar seu projeto em uma feira de música em 2022 foi o que levou Alfamor a convidar Vini Albernaz para uma conversa informal, onde compartilhou seu surto criativo emergencial. Em poucos dias, as novas versões de “Onça” estavam prontas para serem lançadas ao mundo, mostrando que Vini e Alfamor têm uma estética musical similar.

Com quatro canções cuidadosamente selecionadas, o projeto incorpora elementos sonoros diversos, criando uma viagem completamente nova. Estão presentes interpretações completamente repaginadas de “Sábado Sangue”, “Alfá”, “Morada” e “Semente”, alguns dos destaques do “Onça” original.

As faixas exploram ruídos, beats orgânicos, melodias latinas e mellotrons, que se combinam em uma mistura intrigante. Alfamor também traz influências urbanas, resultado de seu retorno a São Paulo após um período em Salvador, sem perder as sutilezas que sempre permearam sua conexão mística e espiritual com a música. A finalização do EP traz um toque analógico, com a master processada na fita k7, ressignificando as referências do dub e flirtando com elementos das décadas de 80 e 90.

## ENTREVISTA / EUCANAÃ FERRAZ, POETA

# ‘Memória é matéria fundamental da poesia’

Por Rodrigo Fonseca  
Especial para o Correio da Manhã

**D**oido para ver “Estranha Forma de Vida”, o curta-metragem de faroeste de Pedro Almodóvar, que estreia nesta quinta-feira, Eucanaã Ferraz reage ao título do novo trabalho do cineasta de quem é fã menos pela referência à aspereza do Velho Oeste e mais pela evocação a um fado de Amália Rodrigues. É uma canção da diva portuguesa que nomeia o filme.

Canções inebriam Eucanaã desde menino. Foram canções que injetaram poesia entre os caracóis da cachola do jovem estudante de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que ele um dia foi – e, não por acaso, hoje seu nome integra o copo docente da prestigiosa instituição. Canções estão no DNA da escrita que faz dele um dos mais respeitados bardos da língua portuguesa, e transpiram inspiração em seu novo livro, “Raio”.

No mesmo dia da estreia do novo Almodóvar, dia 14/9, Eucanaã vai gritar seu “Shazam!” na Livraria da Travessa de Ipanema (Rua Visconde de Pirajá, 572), a partir das 19h, numa sessão de autógrafos que promete mobilizar a cidade – tema de alguns de seus versos. O banguê-banguê queer do diretor de “Fale Com Ela” (2002) tem uma semana toda pela frente em circuito. Já a chance de olhos nos olhos de Eucanaã, para se colher sua assinatura numa coletânea de poemas que desafiam a gravidade, é única. É quinta, às sete, e ponto.

Nascido em dia 18 de maio de 1961, em Paracambi, no Estado do Rio de Janeiro, onde passou parte da infância, Eucanaã demarcou pra si um (senhor) perímetro lúdico na poesia nacional ao publicar pérolas como “Desassombro” (2002), “Sentimental” (2012), “Escuta” (2015), “Cada coisa” (2016) e “Retratos com “Erro” (2019). Consultor de literatura do Instituto Moreira Salles desde 2010, organizou coletâneas de Vinícius de Moraes, Caetano Veloso e Carlos Drummond de Andrade. O Shakespeare de Itaboraí é tema de um curso que vem lecionando às terças-feiras no Fundão: “Drummond É Foda!”. Na entrevista a seguir, Eucanaã relampeja verdades.

**O poema “Blue” talvez seja a síntese do amor e de seu gêmeo mau (o desamor) em “Raio”. Mas qual é a medida lírica otimista ou pessimista do amor – o romântico, do**



Divulgação

## POEMAS DE ‘RAIO’

### Risco

*Mal começo a esboçar este poema  
que às três horas da madrugada insiste em ser  
escrito  
penso na fábula da garça (existirá tal fábula?)  
que arranca da garganta do lobo fatal um  
espinho  
e de relance pressinto que o poema – este -  
que risco para salvá-lo de não ter existido  
há de me matar com seu destino*

### Caroca

*O Pão de Açúcar era muito antigo  
quando nele puseram olhos os primeiros  
tupinambás  
e se espantaram. Muitas luas depois vieram as  
espíngardas  
que falavam línguas afastadas.  
Os sangues dos marinheiros e das baleias  
se diluíram na água da baía  
mas o morro do Castelo continua lá  
assombrando o futuro.*

**desatino; ou o contemporâneo, de novas geometrias – na tua dramaturgia poética?**

**Eucanaã Ferraz:** Nunca evitei o tema amoroso. Ao contrário. Creio que isso se deve ao fato de eu ter sido formado, desde muito cedo, pela canção popular. Quando os livros chegaram à minha vida, encontraram uma sensibilidade marcada pelo sentimentalismo das canções que minha mãe me cantava. E eram sempre aquelas conhecidas pelo termo “de fossa”. Nelas, plasmavam-se desejo, separação, saudade, ciúme, traição, vingança, uma trama infinita de delícias e desgraças que eu, menino, desconhecia inteiramente. Mas, de algum modo, a atmosfera me comunicava muita coisa, mesmo o que não estava ao meu alcance existencial. Devo observar ainda que tudo se passava num ambiente concentrado, solitário, cercado de silêncio, gravidade e conforto. Lembro-me bem: eu deitava minha cabeça no colo de minha mãe e pedia que ela me cantasse uma música enquanto me acariciava os cabelos. Minha preferida era “Bar da noite”, que, muito tempo depois, vim a saber que fora um grande sucesso de Nora Ney, gravado no início dos anos 1950. A letra fala não só de mágoa, solidão, tristeza, mas também de mesas, copos, e define o bar como um “tristonho sindicato de sócios da mesma dor”. É claro que eu, menino, como já disse, não tinha nenhuma noção do que era aquilo. Mas tudo me mobilizava de modo intenso, ainda que suave, como se a voz e o carinho de minha mãe transmitissem, antes de qualquer coisa, o amor, sem adjetivos, sem enredos, sem personagens nem cenários. Cresci pedindo que minha mãe me cantasse aquelas canções infelizes. Faço o mes-

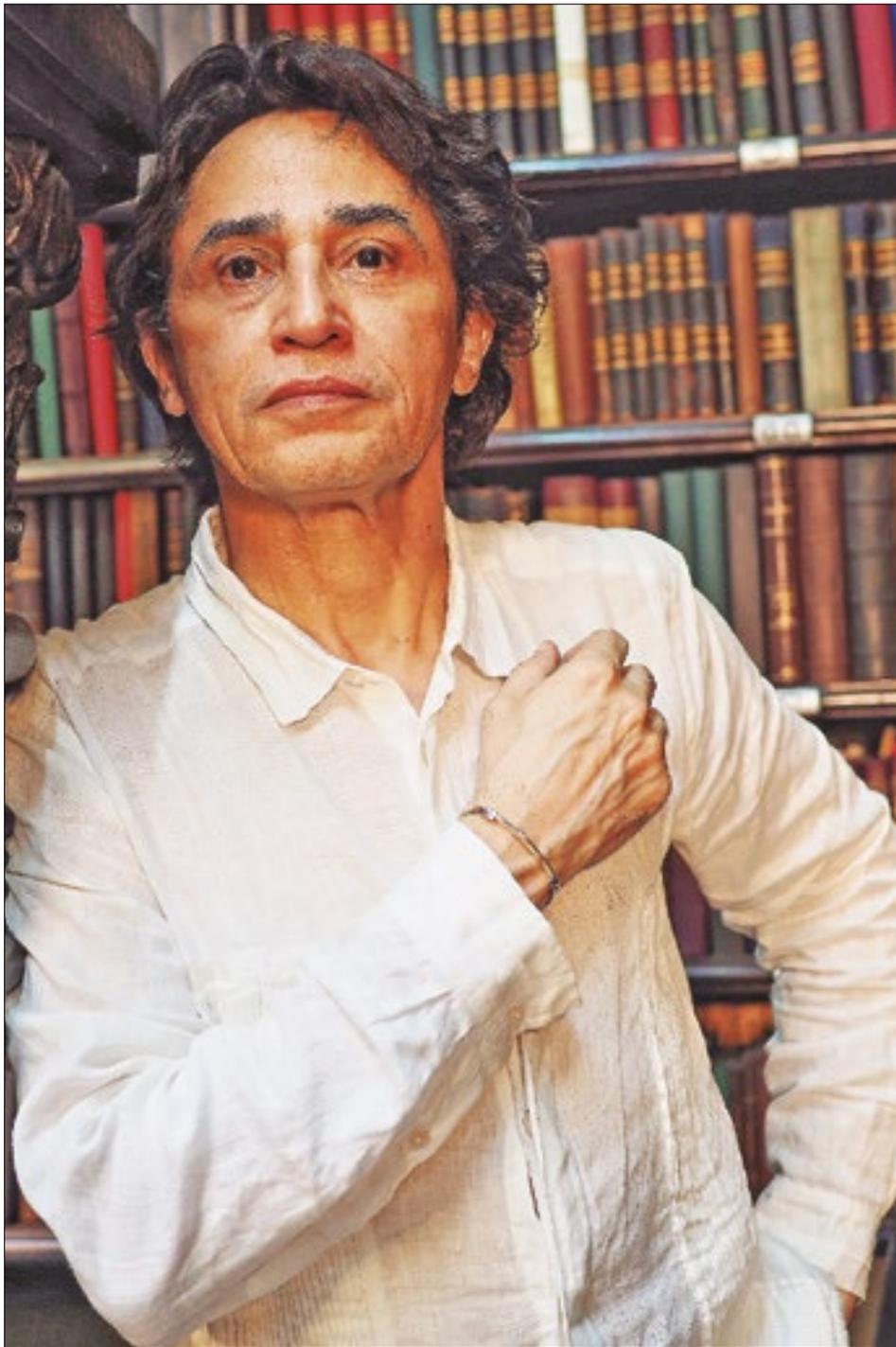
mo ainda hoje. Fui, desde criança, portanto, um sócio daquele “sindicato” de que fala “Bar da noite”. Meus versos trazem essa memória melodramática confundida com a felicidade filial, a voz suave da mãe estranhamente anunciando a dor do amor. Tudo se funde no que escrevo, estão lá, nos versos, Drummond e Maysa, Fernando Pessoa e Dalva de Oliveira, Matisse e Ângela Maria; o verso áspero, o corte surpreendente, mas também a fluidez melódica; a consciência da metalinguagem e as queixas do coração, Erick Satie e Maria Bethânia, Fellini e pontos de umbanda, Lupicínio Rodrigues e Clarice Lispector.

**Os hemisférios anfíbios de “Raio” – poemas com prosódia de prosa e prosas com gagueira de poesia – esbarram em evocações do passado de múltiplas formas, de datas e palavras (vitrola, por exemplo). Que passados são esses, o quanto eles tangenciam a tradição da poesia (a sua e de outros)? De que forma esses pretéritos – perfeita ou imperfeitamente – se debruçam sobre seus livros anteriores?**

Memória é matéria fundamental da poesia, ainda que seja a lembrança do que acabou de acontecer. A própria língua está fundada na memória, basta dizer uma única palavra e, de imediato, estamos repercutindo a história do idioma. A poesia tem consciência disso. Para ficar mais perto de uma resposta à sua pergunta, poderia dizer que sim, que o passado, menos ou mais distante, sempre me interessou como matéria poética; mas também é certo que ele está de tal modo inseparável do presente que quase nunca vou a ele de

## ENTREVISTA / EUCANAÃ FERRAZ, POETA

Alexandre Santana/Divulgação



**Em seu novo livro, batizado de 'Raio', Eucanaã Ferraz - hoje um dos maiores bardos da língua portuguesa em atividade - ilumina novas fronteiras para o verso em fricção com a prosa**

modo consciente – porque não se trata de um retorno, mas de permanência. Lembro que em “Livro Primeiro”, de 1990, há uma série de poemas que recorda minha infância, a família, a escola. Em Desassombro, de 2001, uma de suas seções chama-se “Poemas do antiquariato”, formando uma espécie de museografia das coisas. Já em “Sentimental”, de 2012, há um poema que dá vida e voz a um personagem histórico, Yuri Gagarin, o cosmonauta soviético, mostrado como um indivíduo que vive numa espécie de presente absoluto. No mesmo livro, um poema, “Victor TalkingMa-

chine”, recupera a célebre imagem do cão que parece intrigado com o som que sai de um gramofone. Os versos veem, frente a frente, uma invenção, algo historicamente marcado, portanto, e uma presença viva do mundo natural. O que importa, no fim da conta, é a diferença: “o gramofone murchou, / ficou mudo, mas o cachorro permanece / todo atual.” O passado, quando retorna, faz parte do presente, mas sua textura histórica, digamos, está lá. Em uma plaquete chamada “Trenitalia”, de 2016, reuni um pequeno conjunto de poemas escritos na Itália, e creio que neste breve volume a

tensão entre memória e palavra, bem como o presente como único tempo possível nunca estiveram tão claramente colocados. Haveria muitos exemplos a citar. Os leitores encontrarão muitos em “Raio”.

**Um poeta sente o peso do tempo, da idade, na escrita? Como?**

É uma questão difícil de situar, porque há sempre exceções, variantes, pontos de contradição e, sobretudo, de tensão. Mas é certo que a escrita não tem de envelhecer juntamente com o corpo. O poema não tem idade. Também não há dúvida de que o verso ter força para incorporar tudo, e assim, o peso do tempo, o desgaste físico e a proximidade da morte podem, em vez de enfraquecer ou imobilizar, animar a escrita como qualquer outro tema. A poesia de Drummond tratou muitas vezes do envelhecimento. Por outro lado, a velhice pode trazer como matéria as reminiscências da infância e da juventude.

**Tanto nos versos que falam de uma “gangue da correntinha” (“Volta”) quanto nos poemas sobre o Rio, teu “Raio” parece alumiar geografias numa paisagística muito peculiar, porém sem estranhamento, sem exotismo. Qual é o lugar das cidades – como tema ou como processo – no teu livro?**

Sou um poeta urbano. E pergunto se não será assim com todos. O fato é que a cidade sempre me interessou. Poderia dizer que ela é, digamos, personagem constante, privilegiado, mas é sobretudo a dicção, o ritmo, o que incita o poema. Em “Raio”, acontece exatamente isso. Limitando-me a falar sobre ele, também posso observar que nele aparecem certas cidades identificadas, nomeadas, vividas como paisagens. O Rio de Janeiro, por exemplo, nunca esteve tão presente como cenário. E, mais uma vez, São Paulo se impõe como lugar. Portugal, constante em todos os meus livros, aparece entrevistado na cidade de Faro, mas o que interessa ali, na verdade, é o poeta Gastão Cruz, meu grande amigo. Uma cidade não é o ajuntamento de edifícios e ruas, é a vida que se faz ali.

**Há fúria em “Raio”, vide: “À bandeira nacional dei o nome de estrume”. Mas parece haver uma certa serenidade que conversa com um de seus mais belos livros, “Martelo”. Esse mar sereno da tua cabotagem aponta que rumos para a sua trilha nas Letras, na poesia, no ensino?**

Sim, há uma agitação violenta em vários

momentos de “Raio”. Nesse sentido, penso que o poema mais exemplar seja o que se chama “Veja só”, do qual cito o início: “Adverso e desgostoso digo não redondamente em áspero e bom som. Desconheço. Desminto e nem sequer. Denego nego contradigo viro a página rasgo a página queimo. Longe de mim. Nem assim nem assado nem pensar. Não tenho estômago para. Me inclua fora desse enredo. Cansei.” Esse poema, para mim, concentra toda minha capacidade de recusa. Muitas vezes é preciso dizer não, sem deixar dúvida – não transigir, não negociar. Estar pronto para isso é um aprendizado, um exercício. Dizer sim também o é, eu poderia acrescentar, mas dizer não é um ato que nasce de situações desagradáveis, implica discórdia. O não se faz dentro do trauma. Minha inclinação, como indivíduo entre indivíduos, é para a harmonia, o acordo. Por isso mesmo, irritado-me com facilidade quando vejo se estragar o que era harmonioso. Mas sim, em “Raio”, há serenidade, sobretudo nos arranjos sintáticos, no corte dos versos, na armação das estrofes. Os versos terem se distendido nas linhas contínuas da prosa dão bem o sinal de que a escrita se fez de modo menos tenso do que nos livros imediatamente anteriores.

**Em fricção contínua com a poesia, como autor e professor, que exercício você faz pra desopilar o olhar e o diafragma de modo a ainda ler poesia com algum alubrimento?**

Meu olho está sempre recomeçando. Trago o espírito adolescente, ávido por se lançar nas coisas. Nesse sentido, o exercício de se lançar para fora é permanente, porque tudo me comove: um prédio, a capa de um livro, uma cadeira, uma pedra, uma canção, uma árvore, uma garrafa vazia. Estou sempre em exercício, e nunca me canso.

**Que novas rumações hão de vir por aí, ou seja, que novas antologias você prepara agora? O que o passeio recente por Drummond, Cabral, Caetano – em antologias que preparou - te trouxe de mais renovador?**

Concluí uma seleção de poemas de Eugénio de Andrade com vistas à publicação de uma antologia. Meu amor pelas obras de Drummond, Cabral e Caetano é antigo, e o trabalho com suas obras também vem de longa data. Elas me renovam sempre. Impossível avaliar, descrever, colocar assim, em poucas linhas, algo que se confunde com minha própria vida.

## CANTO DA CRÔNICA

LUÍS PIMENTEL  
JORNALISTA E ESCRITOR  
luispime@gmail.com

### Viver é...

Lembram-se do tempo do selinho “Amar é...”? É anterior aos emojis, memes, bonequinhos e figurinhas românticas, engraçadas ou raivosas que funcionam agora como ilustrações ou reações diversas nas redes sociais.

Tinham umas assim: “Amar é... não perder a paciência, compreender as fraquezas do outro, corresponder aos sentimentos, cuidar da saúde dele ou dela, não se esquecer de elogiar sempre ele ou ela, participar de tudo o que o outro faz”, assim por diante.

Não lembro se Millôr Fernandes ou Ivan Lessa, mas um dos dois gênios cravou no “Pasquim” – aquele jornal que tanto nos ajudou a atravessar ondas horríveis –:

“Amar é... não estar pra peixe”.

Ou seja: ontem ou hoje, amar é não perder o bom humor. Mas tem sido difícil, muito difícil, amar ou viver (verbos primos-irmãos entre si) mantendo o humor nosso de cada dia, tentar ser peixe nessas águas.

Partindo do princípio de que para amar é preciso estar vivo (nos dias atuais uma aventura das mais perigosas), digamos que a lição de amor que podemos dar a nós mesmos e ao próximo é o empenho na luta para estar de pé, inteiro, ereto, digno. Mesmo sabendo que muitos não conseguem pelo simples fato de que é quase impossível manter a postura com a barriga vazia; a mente atrofia e o corpo verga.

Então, como poetas, charlatões, enamorados, esperançosos e até perdidos concordam que a vida “sempre a vale a pena”, tenhamos um ligeiro “viver é...” para consumo básico que pode nos ajudar, pelo menos, a ter o

conforto de repetir que “a alma não é pequena”, pois ela faz com que nossa aleatória existência não seja apenas ilusão.

Poetas dizem coisas bonitas sobre a vida, niilistas cravam sentenças definitivas (Viver é uma merda!), imediatistas dão receita (É um sorvete, aproveite antes que derreta), Rosa argumentou que “é muito perigoso” e Sabino foi otimista: “No fim, vai dar certo; se não deu certo é porque não chegamos ao fim”.

Mas antes do fim há o meio. E é nele que muitos de nós estamos (independente do tempo que falte para cada um puxar o sinal no ônibus), mantendo alguma esperança de construir dias melhores para nossas vidas. Não é cascata de autoajuda, porque se entendesse do assunto já teria me autoajudado em tantas décadas de bateção de cabeça na busca do entendimento mínimo e possível do que é a vida, que porra é essa, e, especialmente, porque ela nos leva inevitavelmente para a morte.

Digo que não aprendi a viver. Mas aprendi a ler. Por isso, mesmo em tempos modernos, me socorro da poesia de uma mulher nascida em “tempos rudes” e que diz, em poucos versos, o que gastei tanta prosa para não dizer.

Diz aí, Cora Coralina:

“A vida tem duas faces: / positiva e negativa. / O passado foi duro / mas deixou o seu legado. / Saber viver é a grande sabedoria / que eu possa dignificar / minha condição de mulher, / aceitar suas limitações / e me fazer pedra de segurança / dos valores que vão desmoronando. / Nasci em tempos rudes / aceitei contradições / lutas e pedras / como lições de vida / e delas me sirvo. / Aprendi a viver”.

CRÍTICA / BAR / TRAÇADO BOTEQUIM

# O presente da comida brasileira de excelência

Divulgação

Por Cláudia Chaves  
Especial para o Correio da Manhã

Existem hábitos que, quando presentes, fazem encher o peito, o coração de alegria. Ainda por cima quando os sabores, os gostos, os cheiros trazem presente àquilo que fomos ensinados a valorizar. E valorizamos. Tem melhor sair de uma peça, de um show, de um filme e sentarmos a uma mesa, sem pressa e animosidade, trocar opiniões e sair melhor do que entrou.

Depois da estreia de “O Porteiro”, a comédia rasgada que revive o melhor da carioquice no cinema, a chanchada, Renata Victor e Rodrigo Fonseca me acompanharam para fechar a noite no Traçado, no coração de Copa. Em lá chegando ganhamos um prêmio: os deliciosos pratos, agora introduzidos no cardápio, pela competente chef Natasha Lund.

Nat nos pegou pela mão para fazer a jornada de reviver a nossa comida de raiz. Primeiro o Torresmo, surpresa benfazeja, pois é a pele do frango a passarinho, crocantes, secos, levemente salgados que não paramos de comer enquanto comentávamos o melhor do cinema, com o mestre Rodrigo. Para aquecer a alma pedimos o Pão delícia cujo nome é pleonasmos do prato, as rodela de pão francês recheadas com queijo e linguiça calabresa em formato de aperitivo, servido com maionese verde e molho à campanha que se casam às mil maravilhas com o chopp bem retirado, na pressão, gelado, no copo americano para se beber de um talagada só.

Como a conversa ia longe, fomos para o capítulo sustância com o Caldinho de feijão - Feijão vermelho com bacon e linguiça calabresa, com queijo coalho e cheiro verde, acompanhado de



A casa aposta nos clássicos da culinária de buteco

torresmo da casa. Mais uma lição fundamental: Nat usa o feijão vermelho que tem mais consistência e sabor com a cremosidade que se pede. Para seguir no mesmo campo, foi a vez do Feijão tropeiro – Feijão vermelho com linguiça calabresa e bacon, couve e farofa, sobre ovo frito com gema mole e torresmo da casa. De comer panfões, se pudéssemos. A linguiça e o bacon pequenos, crocantes, o ovo frito com a borda queimadinha e a gema mole para se misturar com o feijão, exatamente como minha avó mineira ensinava.

Como o papo não tem, graças, ordem cronológica, pedimos para finalizar o Coalho à milanesa - Cubos de queijo coalho à milanesa servido com chutney de bacon com ameixa, goiabada e cachaça. O coalho macio com o crocante da farinha ganham nova expressão

com o chutney de bacon. É salgado, doce, crocante, inovação para ser feliz. E, ao invés de sobremesa, preferimos o Traçado Sour (Cachaça branca, vermute dry, Brasilberg, xarope artesanal de maracujá com pimenta, sour mix e tintura de priproica) para fechar a noite. Com o cardápio, a inventividade e os acertos de Natasha e com a magnífica recepção do Bruno, o Traçado tem nossas 3 estrelas e o lugar favorito para boa comida, bebida excelente e os melhores papos do Rio.

### SERVIÇO

TRAÇADO BOTEQUIM  
Rua Ronald de Carvalho, 154 - Copacabana  
De segunda a quinta (18h a 0h), sextas (18h a 1h), sábados (16h a 1h) e domingos (16h a 0h)

# Tela Quente e antirracista

Sessão de cinema mais popular da TV exibe 'O Ódio Que Você Semeia'

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**E**spaço histórico de blockbusters, a "Tela Quente" está mudando de cara, apostando de modo cada vez mais regular em filmes de timbre autoral independente, como fez há poucas semanas com "Bom Comportamento" ("Good", 2017), dos irmãos Josh e Benny Safdie, e com produções nacionais, como "Medida Provisória" (2021). Esta noite, ao escalar "O Ódio Que Você Semeia" (2018), a faixa de exibição de longas-metragens criada pela TV Globo em

1988 entra firma na luta antirracista. O filme desta noite, agendado para começar às 23h15, é um libelo contra a intolerância nos EUA.

"The hate U give", título original do longa de George Tillman Jr., foi lançado no mesmo ano de "Pantera Negra" e "Infiltrado na Klan". Seu realizador é conhecido aqui por "Homens de honra" (2000), com Cuba Gooding Jr. O foco da atração desta "Tela Quente" é a inadimplência do Estado (seja onde for) diante de crimes cometidos por agentes da lei contra populações negras, tendo por base o assassinato de um jovem pela arma de um policial (branco)



**Starr (Amanda Stenberg) potencializa o que existe de dialético no longa de Tillman Jr.**

com miopia moral, social e étnica.

Usina de carisma, a atriz Amanda Stenberg potencializa o que existe de dialético nessa narrativa ao encarnar o papel da adolescente Starr, única testemunha da morte de um colega (e crush). Ela vê a tragédia em torno do rapaz se trans-

formar em combustível para uma série de protestos – e em um acerto de contas pessoais. Uma onda de revolta se espalha pelos Estados Unidos em decorrência da brutalidade que ela testemunha.

Como Tillman Jr. é um diretor ainda em busca de uma voz

autoral própria, sem uma técnica bem delineada, seu filme por vezes se descarrilha em sua busca por um tom de piquete, ao saltitar em quebra-molas melodramáticos de sacarose excessiva. Mas sua explosiva carga de repúdio ao racismo lhe garante frescor – e urgência.

## FERNANDO MOLICA



*"Em meio a tantas fake news, o jornalismo ganhou uma importância ainda maior ao fornecer informações corretas e análises que ajudam o leitor a tomar suas decisões."*

Fernando Molica

Carioca, jornalista e escritor, trabalhou em publicações como 'Folha de S.Paulo', 'O Globo', 'O Estado de S.Paulo' e 'Veja' e na TV Globo, CNN e CBN. Recebeu, entre outros, os prêmios Vladimir Herzog e Embratel de jornalismo. Autor de nove livros, entre eles, seis romances, é botafoguense e mangueirense.

No 'Correio da Manhã', Fernando Molica é responsável por duas colunas diárias: um artigo de opinião que trata de cultura e política e o Correio Nacional, que traz em forma de notas curtas, informações exclusivas sobre política, administração pública e universo empresarial.

Correio da Manhã

Correio Petropolitano

Correio Sul Fluminense

*"Democracia e liberdade de expressão são o oxigênio do jornalismo. O jornalismo não sobrevive sem elas"*

Rudolfo Lago

Formado pela Universidade de Brasília, Rudolfo Lago tem 37 anos de profissão, especialmente na cobertura de política. Responsável por furos como o dos Anões do Orçamento e a série de reportagens que levaram à cassação do ex-senador Luiz Estevão. Vencedor do Prêmio Esso, entre outras premiações.

No Correio Político, o leitor conhecerá os meandros, os bastidores, do poder em Brasília, na Esplanada dos Ministérios. Histórias que ajudarão a entender por que as decisões são tomadas ou não nos três poderes da República.



## RUDOLFO LAGO



# FGV Arte, boas vindas!

**Q**uarenta e sete artistas contemporâneos ocupam a partir desta segunda-feira (11) o térreo da Fundação Getúlio Vargas numa exposição que marca o lançamento do FGV Arte, um novo espaço cultural para a cidade.

Com curadoria de Paulo Herkenhoff, a FGV Arte será um espaço voltado à valorização e experimentação artística e a debates contemporâneos em torno da arte e da cultura, buscando incentivar o diálogo com setores mais criativos e heterogêneos da sociedade.

A iniciativa pretende conectar, a partir de projetos artísticos, as escolas da FGV, tais como a Escola Brasileira de Administração Pública, a Escola de Economia, a Escola de Matemática Aplicada, a Escola de Ciências Sociais (CPDOC) e a Escola de Comunicação, Mídia e Informação. A FGV Arte prevê ainda seminários, oficinas metodológicas e cursos práticos de formação para as artes.

A exposição inaugural foi intitulada de “A Quarta Geração Construtiva no Rio de Janeiro” e ficará em cartaz, com entrada gratuita, até novembro de 2023.

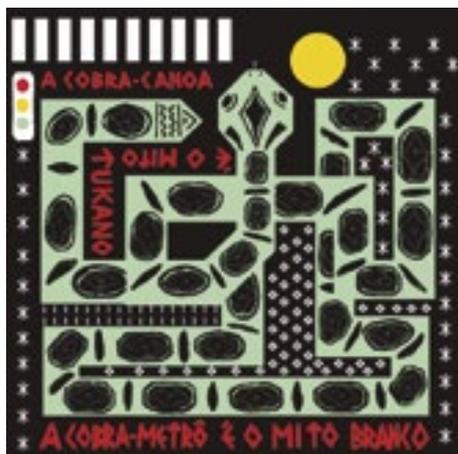
Na abertura, às 17h, será lançado o livro “Rio XXI Vertentes Construtivas”, também sob a concepção de Herkenhoff, que além de organizar a publicação, dirigiu o projeto editorial junto ao artista e designer gráfico Fernando Leite.

“Ainda na década de 1940, a FGV promoveu um curso pioneiro no âmbito artístico que possibilitou a formação especializada para o campo gráfico - em forte expansão à época. A FGV Arte resgata a tradição de incentivo à arte da Fundação, buscando encorajar e desenvolver ainda mais o setor cultural no Rio de Janeiro”, avaliza o presidente da FGV, Carlos Ivan Simonsen Leal.

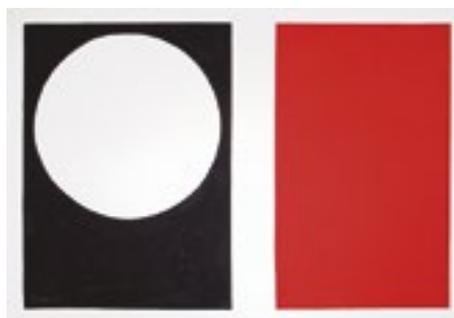
Para Sidnei Gonzalez, diretor da FGV Conhecimento, “o novo espaço abre com a intenção de apoiar a arte contemporânea brasileira e carioca”.



FGV cria espaço de  
experimentação artística,  
sob orientação de Paulo Herkenhoff



Obras da  
exposição  
'A Quarta  
Geração  
Construtiva  
no Rio de  
Janeiro', em  
cartaz na  
FGV Arte



Fotos Divulgação



Durante a abertura da FGV Arte, a esplanada da FGV será palco de um concerto com metais e percussão da Orquestra Sinfônica Brasileira. O repertório cria uma cronologia da música carioca, de Villa-Lobos ao funk. E, pela primeira vez, a abóbada do auditório, projetado por Oscar Niemeyer, receberá um mapping original criado pela SuperUber, a partir das inspirações conceituais e das referências da exposição em cartaz. As projeções sobre a abóbada acontecem de segunda a sexta-feira (15), das 18h às 21h.

“A Quarta Geração Construtiva no Rio de Janeiro” reúne 47 artistas cariocas: de origem, por adoção ou visitantes marcados pela cidade, sem limite geracional ou de linguagem, e sob curadoria de Paulo Herkenhoff, que definiu a cidade no século XXI “com novas perspectivas no campo social de circulação da obra de arte”.

Para Herkenhoff, o processo construtivo, retratado na exposição, permanece fortemente na cidade, com práticas contemporâneas em andamento. Foi a partir daí que Herkenhoff estabeleceu o conceito de “quarta geração construtiva”: “O século XXI coincide com a quarta geração construtiva, a etapa de maior abertura experimental da relação com a matemática, a topologia, o número, o acaso e improvisos, desastres e a crise do poder, num emaranhado de agendas políticas e conceituais, processos de subjetivação, a explosão do olhar da periferia e um novo ethos, a crítica institucional, a geometria sensível da América Latina, introdução de signos materiais da arte inauditos e o quase nada e o zero”.

## SERVIÇO

A QUARTA GERAÇÃO CONSTRUTIVA  
NO RIO DE JANEIRO

FGV Arte (Praia de Botafogo, 190)  
De 11/9 até 30/11, de segunda a sexta  
(10h às 20h) e sábados e domingos (10h  
às 18h) | Entrada gratuita